

Mia Goth se firma  
como diva do  
terror na telas



PÁGINA 3

Um 'sopro' de  
originalidade na  
novíssima MPB



PÁGINA 5

Aguinaldo Silva  
rejeita remake de  
'Vale Tudo'



PÁGINA 7

## 2º CADERNO

Marina de Almeida Prado/Divulgação

Aplaudido na Europa, o filme 'Ninguém Sai Vivo Daqui', de André Ristum, leva às telas a brutalidade do sistema manicomial retratada no best-seller 'Holocausto Brasileiro'



Viviane Monteiro, Arlindo Lopes e Fernanda Marques em cena do filme 'Ninguém Sai Vivo Daqui', de André Ristum

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**A**posta de bons augúrios para o cinema autoral brasileiro seguir discutindo temas urgentes em 2024, "Ninguém Sai Vivo Daqui" surpreendeu o público de Tallinn, na Estônia, durante o Black Nights Film Festival, em novembro, assim como chocou plateias no Festival de Brasília, no início deste mês, ao retratar um histórico de crimes no ambiente da Saúde.

Realizador de "Meu País" (2011), André Ristum renova suas ferramentas narrativas e confirma sua grife como diretor autor ao abordar o genocídio que ocorreu no maior hospício do país, o Centro Psiquiátrico Hospitalar de Barbacena, em Minas Gerais, de 1903

# Genocídio da razaão

até meados dos anos 1980. A base do filme é a literatura: as páginas de "Holocausto Brasileiro", romance-reportagem best-seller de Daniela Arbex, ganham vida na tela, em preto e branco.

"Inspirado pelo cinema que me formou, como o de Bertolucci, tento criar uma estética em função do que narro para retratar o nível de desumanidade absurdo que se abateu naquele universo retratado por

Daniela, em seu livro, e entender a situação de pessoas que não tinham direito a uma comunicabilidade com o mundo exterior", explica Ristum, que já havia abordado a situação dos internos de Barbacena

na série "Colônia", hoje na grade do Globoplay. "Tento atravessar um espaço em que pessoas entravam sãs, sob alegação de loucura, e saíam de lá doentes".

**Continua na página seguinte**

**“**Tento atravessar um espaço em que as pessoas entravam sãs, sob alegação de loucura, e saíam de lá doentes”

André Ristum

## CORREIO CULTURAL

## ‘Paternidade, dilemas familiares e lucidez sempre marcaram meu cinema’



Reprodução YouTube

Kevin Spacey em entrevista a Tucker Carlson

## Kevin Spacey provoca a Netflix em vídeo de fim de ano

Kevin Spacey está de volta com sua brincadeira anual na qual interpreta Frank Underwood, seu personagem em “House of Cards”, na época do Natal. Em um vídeo publicado no YouTube, ele simula uma conversa com o repórter conservador Tucker Carlson. Os dois falaram sobre o cenário das eleições presidenciais de 2024 nos Estados Unidos

e Spacey insinuou uma candidatura além de dar uma alfinetada na Netflix. “É bizarro que tenham decidido cortar os laços comigo com base em alegações que foram provadas falsas. Porque não acho que haja qualquer dúvida: a Netflix existe por minha causa. Coloquei eles no mapa e eles tentaram me enterrar”, atacou o ator.

## Mediterrâneo

Restaurante consagrado em terras paulistas, o Baleia chega à cidade com o melhor da culinária mediterrânea em ambiente de cartão postal no Aterro do Flamengo com visão privilegiada da Baía de Guanabara e do Pão de Açúcar.

## Nas ‘quebradas’

O Quarteto Pizindim encerra um ano de dedicado trabalho apresentando uma fusão única de choro e samba com perspectiva periférica. O grupo lançou no YouTube o show “O Choro nas Bordas da Metrópole”, gravado ao vivo no Estúdio 185.

## Pegou pesado

Kanye West reativou sua conta no Instagram para pedir desculpas ao povo judeu por declarações antisemitas. No último dia 15, em um discurso inflamado, o rapper atacou os judeus, se comparou a Adolf Hitler e a Jesus Cristo.

## Força, Cláudia

Claudia Alencar apresentou “significativa melhora” em seu quadro de saúde, de acordo com o boletim médico. Internada desde o dia 17 por causa de uma infecção, a atriz segue em estado grave na UTI da Clínica São Vicente, na Gávea.

Assistente de Marco Bellocchio em “O Traidor” (2019), Ristum tem em seu currículo pérolas como “De Glauber Para Jirges” (2005) e “14 Bis” (2006). “A questão da paternidade, dilemas da vida familiar e a questão da lucidez sempre marcaram meu cinema”, diz o cineasta.

De prosa com livro de Arbex, Ristum recria a barbárie cometida no Centro Hospitalar de MG, que recebia diariamente, além de pacientes com diagnóstico de doença mental, homossexuais, garotas de programa, epiléticos, mães solteiras, mulheres engravidadas pelos patrões, moças que haviam perdido a virgindade antes do casamento, mendigos, alcoólatras, melancólicos, tímidos e todo tipo de gente considerada fora dos padrões sociais. Sob o consentimento do Estado, esse contingente de pacientes sofreu abusos cometidos por médicos e funcionários no “tratamento” de suas “enfermidades”. O choque elétrico era a linguagem de ordem vigente. Apesar das denúncias feitas a partir da década de 1960, mais de 60 mil internos morreram e um número incontável de vidas foi marcado de maneira irreversível.

“Pensando sobre a minha busca de conhecimento sobre a História deste país, feita através das histórias que resolvi retratar em meus filmes, fica evidente que a busca pelo controle de corpos considerados desviantes é recorrente no Brasil. Isso vem desde o filme ‘Tempo de Resistência’, passando por ‘O Outro Lado do Paraíso’ e ‘A Voz do Silêncio’. Essa questão do controle foi assim no passado e, infelizmente, segue ainda hoje, seja por razões políticas, pessoais ou de exclusão social. Desde os tempos antigos os ditos ‘indesejáveis sociais’ – indivíduos classificadas assim sob qualquer aspecto – foram violados, segregados, excluídos, es-



Marina de Almeida Prado/Divulgação

O diretor André Ristum com Fernanda Marques

tigmatizados e muitas vezes privados de qualquer tratamento humanitário”, explica Ristum.

Em “Ninguém Sai Vivo Daqui”, ele dialoga com a pesquisa jornalística (e literária) de Daniela Arbex a partir do drama de Elisa, personagem que arranca uma atuação estonteante da atriz Fernanda Marques. A jovem é internada em Barbacena por seu pai após engravidar de seu namorado, vítima, como tantos outros, de uma internação injustificada. O caso flagra ranços do machismo estrutural brasileiro. No elenco do longa, Augusto Madeira, Andréia Horta e Rejane Faria também têm personagens marcantes, à luz da fotografia P&B de Hélcio Nagamine.

“O livro ‘Holocausto Brasileiro’, no trabalho investigativo e na escrita da Daniela, realizados com um olhar tão humano, colocou luz sobre um tema totalmente esquecido da nossa História, que é, ainda hoje, muito sensível. Ela ofereceu um nível de detalhamento de como funcionou o sistema manicomial no Brasil e ajudou a expandir o conhecimento dos leitores, de forma a trazer o debate com mais força pros dias de hoje”, diz Ristum. “O livro e, a partir de agora, o filme,

deixam bem evidentes a urgência e atualidade de discutir a loucura no Brasil e debater todo tipo de violência contra o ser humano. O livro denuncia violações gravíssimas que ainda estão presentes no Brasil. Nos últimos anos a política de saúde mental no país andou pra trás, portanto é fundamental que obras como ‘Holocausto Brasileiro’ sigam existindo para que a sociedade possa discutir questões tão relevantes, criando um novo olhar para temas essenciais como este”.

Elogiado em telas europeias, a partir da boa acolhida em Tallinn, “Ninguém Sai Vivo Daqui” deu ao diretor a oportunidade de mergulhar nas raízes históricas da exclusão em nossas terras.

“Ao aprofundar a pesquisa sobre os acontecimentos no Hospital Psiquiátrico de Barbacena, eu pude ver um país onde um patriarcado opressor ditou e dita as regras até hoje, de acordo com interesses às vezes muito individuais e personalistas”, diz Ristum. “O entendimento de que devemos seguir lutando, cada vez mais, para desconstruir esse padrão de comportamento talvez tenha sido o aprendizado mais importante que a realização deste filme me trouxe, ao pensar o Brasil”.

# Diva que espanta

Neta de Maria Gladys, a inglesa Mia Goth se firma como grande estrela do cinema fantástico arrebatando o streaming com 'Infinity Pool', sob a direção do filho de David Cronenberg

Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**S**ensação do Festival de Sundance, em janeiro, e alvo de reboição na Berlinale, em fevereiro, "Piscina Infinita" ("Infinite Pool") expandiu os horizontes do cinema de horror em 2023, mas, no Brasil, acabou diretamente no streaming, na rede Telecine (onde está se tornando cult) e na Amazon Prime. Um dos principais motivos para o séquito de entusiastas que o longa-metragem forma é a presença da atriz Mia Goth. Ela é neta da atriz brasileira Maria Gladys.

Mas não é sua origem familiar que justifica o impacto que sua presença em cena gera. Aos 30 anos, ela virou a atual diva do terror indie nos EUA – e fora dele. "Não busco uma preparação padronizada e fujo de psicologismos que engessem o processo de criação, por

crer que a construção dos personagens nasce no set. O que vem se passando é o fato de eu estar sempre sendo bem dirigida. Confio no que Brandon me apresenta. Se ele me viesse com uma proposta de gênero distinta, eu aceitaria, por vir dele", disse Mia ao Correio da Manhã, diante de uma Berlinale em reboição diante de sua presença.

Em 2022, um par de thrillers - "Pearl" e "X", de Ti West - fizeram com que ela passasse a ser adorada pela combinação rara de uma vozinha miada com expressões diabólicas de arrepiar espinhas. "Eu gosto de papéis que me desafiam", disse Mia, que iniciou sua carreira como atriz filmando "Ninfomaníaca" (2013) com Lars von Trier, antes de passar pelas vozes autorais da francesa Claire Denis (em "High Life") e do italiano Luca Guadagnino (no remake de "Suspiria").

Quando a mimosa protagonista de "Pearl" - atualmente também em destaque na platafor-



**'Eu gosto de papéis que me desafiam', diz Mia Goth, a neta inglesa da atriz brasileira Maria Gladys**

ma digital Telecine - oferece um ganso morto a seu bichinho de estimação, um crocodilo, percebe-se nela a marca de uma maldade que se avizinha à loucura. É algo bastante parecido com o que a Berlinale viu em "Piscina Infinita". Dirigido por Brandon Cronenberg, filho do realizador de "A Mosca" (1986), o longa agitou a capital alemã mais do que os títulos em concurso pelo Urso de Ouro. A trama foi rodada na Croácia, mas se passa num resort na ilha La Tolqa, um país fictício.

Em seu enredo, um escritor fracassado, James Foster (Alexander Skarsgård), viaja de férias com a esposa rica, chamada Em (Cleopatra Coleman), para a América do Sul, atrás de inspiração para um novo trabalho. Em meio a

um paraíso para endinheirados com tédio, ele conhece Gabi Bauer (Mia), uma fã de sua literatura, que seduz Jack para um passeio fora da propriedade. No local, após um acidente, Jack descobre uma prática bastante indigesta: o local é um espaço de testes para clonagem humana. Mas os clones são vítimas de violência, submetidos a torturas. Mas as versões paralelas de turistas como Jack vão reagir à brutalidade. É aí que Gabi ganha mais protagonismo, deixando Mia brilhar em cena.

"Não é consciente o processo de preparação. Nasce da ação", diz Mia, que mandou um simpático "Oi!", em português pra Berlinale ouvir, ao ver brasileiros no auditório do festival.

Este ano, Mia estrela o terceiro tomo da trilogia de Ti West, aberta em "X", ao retratar o mundo do cinema pornô por trás das câmeras, com uma psicopata. Chama-se "MaXXine".

## Um 'Boas Festas' para Bruce Willis no Estação

Divulgação



Bruce Willis, no auge da fama, em 'Duro de Mata', de 1988

Afastado das telas há cerca de um ano, sob diagnóstico de afasia, Bruce Willis terá seu legado de heroísmo celebrado esta noite no Estação NET Botafogo com a exibição de "Duro de Matar" ("Die Hard", 1988), considerado por muitos o filme de Natal mais pop desde a década de 1980.

Orçado em US\$ 28 milhões, o longa-metragem de John McTiernan faturou US\$ 143 milhões e ganhou quatro continuações, entre 1990 e 2013. No papel do detetive John McClane, Willis subverteu o arquétipo vigente no cinema de ação da década de 1980, criando um tipo gaiato e kamikaze, dispensando o visual "saradão" imposto por colegas como

Arnold Schwarzenegger. Na trama, que o Estação exibe nesta quarta-feira, às 21h, McClane viaja para Los Angeles, para celebrar a chegada do Bom Velhinho com sua mulher, Holly (Bonnie Bedelia), de quem estava separado.

A festa natalina dela é em seu trabalho, o edifício Nakatomi Plaza, um espaço de plena segurança que é invadido por uma quadrilha de ladrões liderada pelo alemão Hans (Alan Rickman).

A sessão presta um tributo ao astro, que participou de marcos como "Pulp Fiction" (1994), "Os 12 Macacos" (1995) e "O Sexto Sentido" (1999). (R. F.)

# Dez anos de latinidade

Francisco El Hombre comemora uma década de trajetória com shows na Caixa Cultural

**B**anda “estrangeira” e estradeira surgida a partir de encontros latino-americanos entre Brasil e México, a Francisco El Hombre é a atração musical desta semana na Caixa Cultural. O grupo celebra seus dez anos de caminhada com show de quarta a sexta-feira 27 a 29) no Teatro Nelson Rodrigues.

No repertório da premiada banda paulista, canções emblemáticas que ganharam nova roupagem especialmente para a turnê comemorativa. Da extensa lista de músicas estão “La Pachanga!”, de 2014; “Soltasbruxa”, de 2016; “Rasgacebeza”, de 2019; “Casa Francisco”, de 2021, e, claro, “Triste, Louca ou Má”, de 2017 - single responsável pela indicação ao Grammy Latino, que se tornou símbolo do empoderamento feminino.

Atualmente formada por Mateo Piracés-ugarte, Sebastianismos, Lazúli, Helena Papini e Andrei Kozyreff, a banda conquistou públicos de diferentes países, com performances em festivais como Lollapalooza Brasil (2018), Rock in Rio (2019 e 2022), e Rock in Rio Lisboa (2022), além de eventos como o América por Su Música, em Cuba, e o Vive Latino, no México.

Uma curiosidade sobre o grupo é o seu nome com inspiração em uma figura emblemática, homônima e que permeia o imaginário popular colombiano, conhecida por tocar acordeão pelas ruas de várias cidades do país.



*Francisco El Hombre conquistou públicos de diferentes países latinos*

## SERVIÇO

**FRANCISCO EL HOMBRE - 10 ANOS**

Caixa Cultural Rio de Janeiro - Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230 –

Centro) | 27 a 29/12, às 19h

Ingressos: Plateia - R\$ 40 e R\$ 20 (meia); balcão - R\$ 20 e R\$ 10 (meia)



*Àiyê: performance ao vivo*

Àiyê lança registro audiovisual de seu novo show

Atração do último Primavera Sound, a multi-instrumentista, produtora musical e performer Àiyê lança uma performance de seu show de seu novo show no Sumac Sessions. Gravado durante uma passagem recente da artista por Cuiabá, a apresentação traz o parte do repertório do elogiado segundo álbum solo da artista carioca, “Trases”, lançado este ano pela Balaclava Records, além de surpresas em uma performance emocional e intensa.

“Esta é uma session íntima, em que eu apresento entre as músicas do último álbum, pontos de umbanda e músicas do meu disco de estreia ‘Gratitrevas’ e conto um pouco de forma íntima o porquê das músicas e minha relação com elas”, revela ela, sobre a performance, que ganhou contornos profundos e pessoais.

Larissa Conforto, a criadora por trás de Àiyê, é fundadora da banda Ventre e possui uma carreira que inclui atuações como produtora artística em discos de renomados artistas brasileiros, além de dividir palcos com artistas importantes como Paulinho Moska. Ela também foi premiada na categoria Melhor Instrumentista do Prêmio Riff e indicada na mesma categoria ao WME Awards.

Amigos de faculdade, Vicente Nucci, Vinicius Castro e Zé Motta lançam 'Sopro', uma das boas surpresas musicais de 2023

# Da universidade para o estúdio

Rafael Catarcione/Divulgação



**Zé Motta, Vinicius Castro e Vicente Nucci, amigos desde os tempos de Uni-Rio, unem talentos no excelente álbum 'Sopro'**

Divulgação



e à beleza dessa canção. E foi incrível gravar ao som de uma orquestra, que fez com que a música parecesse um tema de filme”, comemora Áurea.

Além dessas quatro músicas, o álbum conta ainda com mais cinco: “A Espera”, composição dos três, que foi a primeira a ficar pronta; “Madrugada” e “Solução”, de Vicente Nucci e Vinicius Castro; “Afluente” e “Sonata”, de Vi-

**D**o “Sopro” a uma “Sonata”. Antes, “A Espera”. No caminho, “Silêncio”. Da UniRio para o mundo via música, via streaming. Depois de quatro singles, os amigos compositores e instrumentistas Vicente Nucci, Vinicius Castro e Zé Motta lançam o álbum “Sopro”. Este sopro de inspiração, de vida; às vezes, suave; às vezes, ventania.

Colegas na Faculdade de Música da UniRio, parceiros, amigos, unem-se neste projeto de nove canções, todas compostas antes da pandemia, e que, por isso, trazem o frescor de um momento de vida mais leve, mais simples, mais fluido. Para eles, revisitar essas canções tem sido um ato de respiro.

“Dizem por aí que a vida é um sopro. O resgate deste trabalho é, para nós, uma forma esperançosa de expressarmos nossas razões de viver”, explica Zé Motta. O trio contou com a sensível colaboração de Pedro Araújo, que fez arranjos primorosos para as complexas melodias.

O trabalho do trio foi sendo soprado aos poucos, com lançamentos mensais de quatro singles. “Precipício”, “Valsa Espelhada”, “Silêncio” e “Derradeira”. Os dois primeiros foram lançados em agosto e setembro: “Precipício” e “Valsa Espelhada”, ambos compostos pelos três e com participações especiais de Lenine e Claudio Nucci, respectivamente.

“Com caminhos melódicos e harmônicos muito próprios, ‘Valsa Espelhada’ me chamou a atenção pela letra poética, que trata da solidão, do meio urbano. É uma valsa bem moderna, não é romântica. É uma valsa contemporaneamente ligada a sensações e emoções atuais. Mergulhar no universo dessa canção foi uma experiência deliciosa”, destaca Cláudio Nucci (ex-Boca Livre) e pai de Vicente.

Em outubro e novembro, foi a vez de chegarem ao streaming duas composições de Vicente Nucci e Vinicius Castro: “Silêncio”, abrilhantada pela participação de Áurea Martins, e “Derradeira”, que teve a cantora Ilessi como convidada. “Participar da gravação de ‘Silêncio’ foi uma bênção pra mim. Viajei legal! Muita coisa bonita se junta à simplicidade

nicus e Zé Motta.

“Sopro” foi todo gravado remotamente, usando tecnologia de ponta, com a participação de artistas das mais diversas partes do globo: uma orquestra de cordas em Praga, músicos dos EUA, do Reino Unido, de Portugal e, claro, do Brasil. Essa alquimia de tantas influências manifesta-se de diversas maneiras no trabalho.

“A inspiração para o tema principal de ‘A espera’ veio de uma época em que ouvia obsessivamente uma música do Pink Floyd chamada “The Narrow Way (Part I)”. Num dado momento, senti que precisava dizer algo musicalmente sobre ela. E, no mesmo tom, mas colocando alguma brasilidade na forma de baião, teci as primeiras tramas dessa canção até que cheguei a um ponto em que não sabia mais para onde ir com a melodia. Compartilhei com o Zé o meu problema, e assim surgiu nossa primeira parceria musical. Fiquei abismado como duas cabeças podem ter visões muito diferentes sobre uma mesma coisa e essas visões se completarem tão bem, fechando a canção com uma passagem harmônica totalmente inesperada. Lembro que queríamos

terminar a música para mandar para o Vinicius, ansiosos por aquela primeira parceria dos três”, conta Vicente, provando que as diferenças podem produzir uma alquimia poderosa.

“Depois de ter participado, no coro, da gravação de uma música do Edu Lobo, comecei a compor ‘Solução’ tomado pela musicalidade desse grande mestre da música brasileira ficou maturando durante muito tempo. Passei alguns anos até conseguir terminar, e quando finalizei dei para o Vinicius fazer a letra, que demorou a retornar e quase desisti até que chegou com a ‘Solução’. Tudo fez sentido. A letra fala sobre uma receita mágica, algo que a ser diluído num certo ‘solvente’. E na minha cabeça, era como se a própria canção fosse o resultado da receita que, no outro sentido da palavra, havia resolvido a questão”, revela Vicente essa receita perfeita.

“Quando eu cantarolava a melodia de ‘Afluente’, me vinha uma imagem de água, mas não contei isso para o Vinicius quando lhe entreguei a música para fazer a letra. Mesmo sem ter dito nada, ele captou essa vibe e escreveu os versos de ‘Afluente’, revela Zé Motta confirmando a química entre os parceiros.

# ‘Quantas coisas não aprendemos com as mulheres que nos geraram, nossas antecessoras?’

Conceição Evaristo revê a Macabéa de Clarice Lispector como mulher potente e silenciada

Por Catarina Ferreira (Folhapress)

“**S**erá que ela é realmente tão amorfa ou há uma potência ali dentro que não foi vista, que ela não pôde dizer?” O questionamento feito por Conceição Evaristo deu origem ao livro “Macabéa: Flor de Mulungu”, lançado em novembro na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip).

Conceição reimagina a personagem principal do romance “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, como uma pessoa quieta, mas muito inteligente, “capaz de fingir de morta para enganar coveiro”, diz a narradora em um trecho do conto.

A autora dialoga apenas com o momento em que a personagem original atinge o auge da sua trajetória: a sua morte. No entanto, Conceição se recusa a aceitar que Macabéa é apenas uma mulher frágil e de poucas palavras descrita por Rodrigo, narrador-personagem do livro original de 1977.

“Quantas coisas não aprendemos com as mulheres que nos geraram, nossas antecessoras? Muitas ensinaram no silêncio, numa aparente passividade, e depois descobrimos que esse silêncio era uma tática de enfrentamento para que pudéssemos estar aqui hoje.”

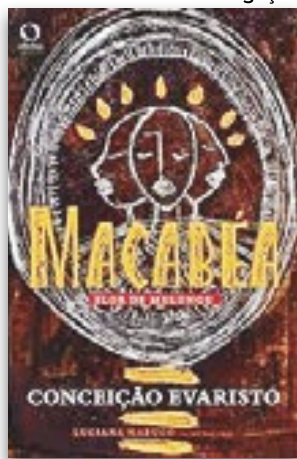
No romance da década de 1970, Maca-



Lis Pedreira/Divulgação

Divulgação

**Conceição Evaristo: ‘A Flor de Mulungu poderia ser a irmã gêmea da Macabéa, de Clarice’**



béa é uma mulher nordestina, órfã de pai e mãe, que vive em uma pensão no Rio. Tímida e de poucas palavras, ela é constantemente diminuída pelos homens ao seu redor, seu chefe, seu namorado e pelo próprio narra-

que insistem em vê-la como frágil. É aí que as personagens de Clarice e Conceição se aproximam.

“A Flor de Mulungu poderia ser a irmã gêmea da Macabéa de Clarice”, diz. As duas mulheres nascem de um mesmo lugar, compartilham uma história de opressão, mas têm as vidas narradas de pontos de vista diferentes.

Conceição diz admirar muito o trabalho de Clarice. Ela afirma ver Macabéa como uma personagem inspiradora, angustiante e complexa, pois é escrita por uma mulher, mas retratada pelos olhos de um narrador homem e impregnada do machismo da época.

“Macabéa: Flor de Mulungu” foi publicado pela primeira vez em 2012 dentro de uma antologia da editora Oficina Raquel. Conceição e outros 11 autores foram convidados para homenagear Clarice repensando alguma de suas histórias ou personagens. Agora, Conceição relança a história em uma versão autônoma e ilustrada.

Segundo a autora, o conto pode ser lido como uma epifania da narradora que imagina em Béa a representação de uma dor comum a todas as mulheres, principalmente negras, que estão sempre encarando a morte, física ou simbólica, e lutando para sobreviver.

## Morte e vida

Morte e vida também estão sempre em diálogo no texto. A Macabéa escrita por Conceição é parteira. E, no momento de sua morte, ela lembra as pessoas que trouxe à vida.

A escolha de fazer de Béa uma “flor de mulungu”, como diz o título, não foi por acaso, afirma a autora. A infusão da planta tem propriedades calmantes e sedativas, se tomada em grande quantidade, e um de seus nomes populares é “amansa senhor”.

“Ela não poderia ser uma florzinha, não poderia mais ser tratada no diminutivo pela potência que queria dar para essa personagem”, explica Conceição. Ela se refere à passagem do romance de Clarice Lispector em que Macabéa é chamada diversas vezes de “florzinha”, pela cartomante que visita momentos antes morrer.

A primeira vez que a autora viu um pé de mulungu florido foi numa fazenda colonial transformada em ponto turístico. A árvore estava no local onde teria sido a senzala, já demolida.

Ao descobrir o nome da planta e seu potencial sedativo, Conceição Evaristo conta ter começado a imaginar milhares de histórias que poderiam envolver aquele lugar e aquela árvore. A autora revela ainda que a flor de mulungu deve aparecer ainda em um próximo romance seu.

dor da história. Seu maior momento, a hora em que brilha, é quando morre atropelada.

Para a autora de “Ponciá Vicêncio”, a protagonista da década de 1970 estava em formação. “Essas Macabéas caladas, silenciadas, como as mulheres negras, as mulheres indígenas, hoje têm projetado suas vozes”, afirma. Mas isso não foi algo conquistado em pouco tempo.

Ela relembra a própria trajetória como escritora que, mesmo tendo começado há mais de três décadas, só ganhou projeção como um dos grandes nomes da literatura brasileira nos últimos anos. Isso, diz, se deve a um movimento contínuo de outras mulheres que foram abrindo caminho para uma juventude mais ativa.

A autora afirma que a mulher-flor que descreve é plácida e inofensiva só na aparência. Ela é, na verdade, silenciada por homens

Por Leonardo Sanchez e Pedro Martins  
(Folhapress)

**N**ome incontornável da televisão brasileira, Aguinaldo Silva está de volta, três anos depois de ter sido demitido da TV Globo. Aos 80 anos, o autor, que vive em Portugal, prepara um livro de memórias, ainda sem título, e o relançamento de um romance de época sobre dois marinheiros gays que acabam condenados à morte.

Silva, que diz ter corrido da polícia quando ser gay levava à prisão, comenta a polémica em torno de casais homoafetivos nas telas, um dos marcos do ano, ante o veto da Globo a um beijo entre duas mulheres em “Vai na Fé”, e a crise que se abate sobre as novelas, com uma produção de baixa audiência e escorada em remakes. Discípulo de Dias Gomes, Silva, que escreveu alegorias ácidas capazes de espelhar a distopia brasileira desde a formação do país, discute ainda a nova versão de “Vale Tudo”. O folhetim, que ele escreveu com Gilberto Braga, não seria aceito, por causa de Odete Roitman, ele acredita.

**Como têm sido seus últimos anos após a saída da Globo?**

**AGUINALDO SILVA** - Foi complicado, porque sempre tive um trabalho em vista, mas me adaptei. Escrevi sinopses, principalmente de séries, que estão com as plataformas de streaming. Também escrevi minhas memórias, que sairão no próximo ano pela editora Travessia, e vou relançar um livro de 1978, chamado ‘No País das Sombras’. É uma história que se passa em 1604, em Olinda, sobre dois marinheiros portugueses que se apaixonam e acabam condenados à morte.

**O público está menos conservador ou ainda vivemos no país das sombras?**

Pessoas preconceituosas não são mais a maioria. Houve uma evolução, independente de qualquer questão política. Lendo o noticiário, vejo um avanço grande em matéria de costumes. Por outro lado, neste ano a Globo vetou beijos gays. Não sei quais são as políticas da Globo hoje, mas tenho visto personagens gays fortes.

**O senhor também foi podado, em ‘Senhora do Destino’, por um selinho de Jennifer e Eleonora. Como se deu o corte?**

Não sei. Uma vez escrito e entregue, o capítulo pertence à emissora. Eu só via a novela no ar. Mas havia uma disputa, entre alguns autores, para ver quem conseguiria emplacar o primeiro beijo gay. Sabíamos que não era para aquele tempo e que não iria ao ar, mas

**ENTREVISTA / AGUINALDO SILVA, DRAMATURGO**

# ‘Odete Roitman hoje seria vista como uma aberração’

Divulgação



escrevíamos. Quem ganhou foi o Walcyr Carrasco.

**O senhor disse, há alguns anos, que o público não queria gays em novelas. Por outro lado, Crô, um personagem seu, fez muito sucesso.**

Eu não esperava, por isso o fiz descontraído. A partir dali, mudou a rejeição. Mas uma grande parcela da população não gosta. Novela não é feita só para pessoas esclarecidas. Mas essas pessoas já não reagem tão negativamente.

**É curioso que o gay divertido e espalhafatoso seja mais aceito. O senhor não teve medo de reforçar estereótipos?**

Os gays que são mais pintosos, para usar a palavra maldita, têm o direito de ser assim. É

um perigo, compartimentar as coisas e dizer que os gays pintosos são caricatos, e os gays sérios são os que devem ser levados a sério. Precisamos tomar cuidado para não lutar contra o preconceito e sermos preconceituosos. É curioso ainda que personagens gays que não expressam sua sexualidade, como se fossem assexuais, sejam mais aceitos. A novela é um veículo para 40 milhões de pessoas, então é preciso cuidado. Mesmo não havendo cenas românticas ou na cama, o fato de ter uma relação homoafetiva já é positivo. Talvez leve a uma evolução.

**Como o senhor vê a militância LGBT?**

Sou de um tempo em que a gente corria da polícia. Era preso e às vezes condenado por uma contravenção chamada “vadiagem”. Era a maneira de eles punirem os gays. Corri

muito da polícia. Cada sinal de progresso me enche de orgulho e alegria.

**A cultura do cancelamento, de certa forma, contra-ataca o conservadorismo. Para o senhor, que viveu a ditadura, existe paralelo entre o cancelamento e a censura?**

O cancelamento não faz bem, porque é sempre bom você saber o que o outro pensa, mas no período militar a censura era oficial. A gente não pode comparar: o cancelamento é exercido por pessoas. O perigo é quando as instituições assumem esse papel.

**O senhor é da época em que o autor escrevia qualquer coisa, e a emissora filmava. A mudança impactou sua saída da Globo?**

Houve um grupo de autores muito mal acostumado. Você ia para casa, escrevia a sinopse, e um mês depois ela estava sendo produzida. A gente discutia o elenco, mas nunca o texto. Mas, em 41 anos de Globo, nunca fui chamado para mudar algo. Senti, com “O Sétimo Guardião”, que as coisas mudaram. O realismo mágico, por exemplo, não funciona mais. As pessoas se deixavam levar pelos absurdos. Hoje, são mais críticas.

**Para a crítica, há autores mais preocupados em discutir um tema do que contar uma história. O senhor concorda?**

A novela é um melodrama. Não pode mudar a linguagem, porque deixa de ser melodrama. ‘Vale Tudo’ era um melodrama brutal, e aí sim, no melodrama, você põe seu pensamento do que deveria ser o mundo. Quando você começa a escrever pensando numa novela temática, já começa errado. ‘Vale Tudo’, aliás, deve ser refeita. Odete Roitman não cairia bem hoje. É como o Crô. É de bom tom dizer que são caricaturas. A gente sabe que existem pessoas como Odete, mas ela seria considerada uma aberração da natureza por causa de sua linguagem. Não pelo grande público, mas por pessoas mais esclarecidas. Há um grupo, mais radical, que quer inclusive ordenar a linguagem das pessoas.

**As plataformas de streaming estão começando a fazer novelas. Aceitaria um convite para voltar a escrever?**

Tenho várias sinopses, mas não tenho paciência. Novela é um trabalho braçal, pesado, e para uma pessoa de idade é complicado.

**O senhor tem mágoa da Globo?**

A Globo me deu muita coisa, e eu também dei muita coisa à Globo, então estamos quites. Não há razão para mágoa. Estamos empatados. Fomos felizes para sempre enquanto durou.

UM BOM JORNAL  
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA  
E NEM DE DIREITA  
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM  
DE INFORMAR  
A VERDADE  
E NÃO IMPOR  
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**  
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR  
E VONTADE DO ELEITOR .

## Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

[correiodamanha.com.br](http://correiodamanha.com.br) @correiodamanha